

SIMPÓSIO AT005

ALFABETIZAÇÃO NO FINAL DO SEGUNDO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM NOVO DESAFIO PARA OS GRADUANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA

BANDEIRA, Daniela Perri
Universidade do Estado de Minas Gerais
perribandeira.daniela@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta resultados parciais do projeto de extensão “Alfabetização no final do segundo ciclo do Ensino Fundamental: um novo desafio para os graduandos do Curso de Pedagogia” (2018-2019). O objetivo principal desse projeto é propor formas de habilitar os graduandos do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), participantes do Programada Escola Integrada, uma parceria da UEMG com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte – SMED/BH, para lidar com alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental que não sabem ler e escrever ou desempenham essas habilidades de modo precário. Para isso, primeiramente, foram desenvolvidas para os graduandos atividades de capacitação para apresentar noções de consciência fonológica e reforçar princípios de fonética que auxiliem na compreensão das normas ortográficas. No segundo momento, a expectativa desse projeto é contribuir para que tais graduandos possam: diagnosticar as principais dificuldades em leitura e escrita; rever metodologias que possibilitem a aquisição das competências de leitura e escrita e contribuir para que esses alunos alcancem a oportunidade de se tornarem alfabetizados. Como referencial teórico, são estudados autores que apresentam textos, pesquisas e materiais didáticos relacionados à área da alfabetização, consciência fonológica e fonética, tais como: Magda Soares, Artur Gomes de Moraes, Fernando Capovilla, Luiz Carlos Cagliari, entre outros.

Palavras-chave: Alfabetização; segundo ciclo; conhecimentos linguísticos.

Abstract: This paper presents partial results of the extension project entitled: “Literacy at the end of the second cycle of Elementary School: a new challenge for the undergraduate students of the Education Faculty” (2018-2019). The main objective of this project is to propose ways to enable the undergraduates of the Faculty of Education of the University of Minas Gerais State (UEMG), participants of the Integrated School Program, a partnership between UEMG and the Municipal Education Secretariat of Belo Horizonte - SMED/BH, to deal with students from the second cycle of Elementary school who do not know how to read or write or whose performances in those skills are precarious. For this purpose, firstly, qualification tasks were developed for the undergraduate students with the purpose of presenting notions of phonological awareness as well as to reinforce the phonetical principles which assist with the knowledge of spelling rules. In a second moment, the expectation of this

project is to contribute so that these undergraduate students may: diagnose the main difficulties in reading and writing; review methodologies which make possible the acquisition of reading and writing skills and contribute so that these students reach the opportunity to become literate. For the theoretical frame of reference, authors who present texts, researches and didactic materials related to the area of literacy, phonological and phonetic awareness, such as: Magda Soares, Artur Gomes de Morais, Fernando Capovilla, Luiz Carlos Cagliari, among others were consulted.

Key words: Literacy; second cycle; linguistic knowledge

Introdução

Este artigo apresenta resultados parciais do projeto de extensão “Alfabetização no final do segundo ciclo do Ensino Fundamental: um novo desafio para os graduandos do Curso de Pedagogia” (2018/2019) desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG). O projeto visa propor formas de habilitar os graduandos participantes do Programa Escola Integrada¹ (PEI) para lidar com alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental que não sabem ler e escrever ou desempenham essas habilidades de modo muito precário.

Os encontros do PEI acontecem toda semana na Faculdade de Educação em forma de orientações em grupo. Nesses momentos são compartilhadas e discutidas questões trazidas por todos os bolsistas, isto é, graduandos participantes. Nesses encontros, sempre são apresentados conteúdos referentes à cada oficina desenvolvida por eles nas escolas, fornecendo-lhes ideias, metodologias e textos para nortear sua atuação. No caso específico deste projeto, apresento resultados obtidos no ano de 2018

¹ A Escola Integrada é uma política municipal de Belo Horizonte que estende o tempo e as oportunidades de aprendizagem para crianças e adolescentes do ensino fundamental nas escolas da Prefeitura [...] Estas oportunidades são implementadas com o apoio e a contribuição de entidades de ensino superior, empresas, organizações sociais, grupos comunitários e pessoas físicas.” (Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/>. Acesso em 12 de jan. 2018). Os graduandos que participam do PEI recebem mensalmente uma bolsa de 420 Reais por 20 horas semanais de trabalho nas escolas municipais.

nos trabalhos realizados na E.M. Maria das Neves², situada na região centro-sul de Belo Horizonte.

A partir de um diagnóstico elaborado pelas professoras da escola, foram selecionados alunos do segundo ciclo com defasagens em leitura e escrita, isto é, alunos que não consolidaram as habilidades necessárias para o final do ciclo de alfabetização. Esses alunos foram divididos em grupos e recebiam reforço escolar nas habilidades em que apresentavam maior dificuldade. Sob minha supervisão, uma aluna bolsista do PEI, Verilucy Brito, organizava as atividades voltadas para aqueles que não haviam atingido a hipótese alfabética de escrita e para os que não haviam consolidado as habilidades de ortografia. Para os primeiros, utilizávamos jogos de análise fonológica e correspondência grafofônica³ e registros escritos. Para os outros, atividades que tinham por objetivos explicitar regras ortográficas e sistematizá-las através de oficinas e atividades escritas. No entanto, tais atividades demoravam para ser realizadas e concluídas pelos alunos devido à grande dificuldade de concentração desses e à infrequência nas atividades do PEI, isto é, a presença é exigida apenas na escola regular, não havendo registro de presença no PEI.

A análise do desempenho de poucos alunos frequentes nas atividades de leitura e escrita revelou que aqueles que vivenciavam atividades diárias de reflexão sobre os princípios do sistema de escrita alfabética (SEA) obtiveram resultados significativos: um aluno do 5º ano em fase silábica de aquisição do SEA e com laudo de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) registrado na escola, conseguiu aprender a ler e escrever em três meses porque participava diariamente das atividades de alfabetização desenvolvidas no PEI.

Contudo, como coordenadora do projeto pude perceber que havia um outro problema que deveria ser resolvido antes de inserir os bolsistas do PEI

² A Escola Municipal Maria das Neves atende alunos do maior aglomerado da cidade de Belo Horizonte. (Disponível em <http://www.bhtrans.pbh.gov.br>. Acesso em 12 de jan. 2018).

³ Os jogos utilizados fazem parte do material do Programa Nacional da Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e foram distribuídos para todas as escolas públicas do Brasil.

em atividades nas escolas municipais. Tal problema encontrava-se no âmbito da Universidade: a defasagem linguística, na modalidade escrita, de nossos graduandos⁴.

Em qual esfera está o maior problema da alfabetização?

Não há apenas uma resposta para essa questão e este texto não tem a pretensão de tentar respondê-la. No entanto, apresento aqui algumas reflexões sobre possíveis fatores que poderiam ser responsáveis pelas dificuldades em leitura e escrita de nossos graduandos. Esclareço que tais reflexões giram em torno das experiências vivenciadas junto aos bolsistas do PEI e dos estudos realizados por mim nessa área através da participação no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem (NEPEL) da UEMG.

Dois aspectos ficaram claros no decorrer do projeto: o primeiro é que a grande maioria dos alunos que ingressa no curso de Pedagogia conhece pouco o objeto com o qual irá trabalhar, isto é, para se ensinar o SEA é preciso conhecimento linguístico. O segundo aspecto está relacionado aos próprios cursos de Pedagogia, isto é, não há disciplinas que trabalhem com questões próprias à linguística. Desse modo, forma-se um ciclo: os graduandos, futuros professores, com grandes defasagens no domínio da língua escrita cursam disciplinas que não os preparam para enfrentar as dificuldades de leitura e escrita dos seus alunos da escola básica.

Aprimorar os conhecimentos de Língua Portuguesa dos alunos é um dos principais atributos dos professores do segundo ciclo do Ensino Fundamental. Possibilitar que alunos produzam textos com coerência e coesão, leiam com fluência e compreendam o que leram e dominem parcialmente a ortografia são alguns dos objetivos que professores pretendem alcançar. No entanto, uma parte significativa de alunos da escola pública tem saído do ciclo de alfabetização com domínio precário da língua ou semianalfabetos.

O que os bolsistas do PEI têm declarado é que não imaginavam uma

⁴ Cerca de 70% dos alunos da UEMG são oriundos da escola pública. Informação completa no Jornal da UEMG disponível no endereço <http://intranet.uemg.br/comunicacao/arquivos/PubLocal21P20150507152804.pdf>

situação de semianalfabetismo no segundo ciclo. Diante disso, há de se reforçar a importância de disciplinas que tratem com mais especificidade a língua como um objeto de estudo. A língua com toda sua inerente complexidade; as normas que regem a gramática; as regras ortográficas; a fonética e a fonologia. Junta-se, portanto, uma formação ineficiente na educação básica a um Curso que não prioriza em seu currículo os conteúdos do campo dos estudos linguísticos. Como formar um alfabetizador nessas condições?

O grande desafio dos bolsistas do PEI seria desenvolver metodologias e estratégias eficientes de incursão na cultura escrita. Isto é, promover a participação efetiva e segura em práticas que resgatem e revisitem conhecimentos oriundos das técnicas de alfabetização e que permitam a inserção dos alunos no universo da escrita convencional com vistas à aquisição de competências que promovam a participação plena na sociedade.

No curso de Pedagogia são discutidas teorias que tratam da psicogênese da língua escrita (FERREIRO E TEBEROSKY, 1986) e dos conceitos de alfabetização e letramentos; apresentadas práticas que tratam da identificação de dificuldades de leitura e escrita, porém tais conteúdos não têm atendido ao enorme desafio que em sido colocado para nós nas escolas.

Tem sido relevante a apresentação aos graduandos das habilidades de consciência fonológica, estudo que apresenta função relevante na aprendizagem da escrita e pode trazer uma contribuição significativa para a aquisição da ortografia do português (SOARES, 2016 p.182). A consciência fonológica é a capacidade humana de reflexão consciente sobre a linguagem, isto é:

[...] uma coisa é usar as palavras para se comunicar. Outra é tomá-las como objetos sobre os quais podemos refletir, observando algumas de suas características (por exemplo, sua semelhança sonora com outras palavras da língua, seu tamanho, os “pedaços sonoros” que as compõem), independentemente de seus significados. Quando esse tipo de reflexão se dá sobre a dimensão sonora da palavra, estamos diante da colocação em prática de habilidades de reflexão fonológica, algo também chamado na literatura especializada de “consciência fonológica” ou “conhecimentos

metafonológicos” e que, em muitas escolas de Recife, os professores passaram a designar, desde os anos 1980, como habilidades de “análise fonológica”. (MORAIS, 2005, p. 73).

Fernando Capovilla (2010) vem insistindo, de maneira veemente, que a consciência fonológica destaca-se como principal trabalho científico sobre a aquisição da leitura e da escrita desde a Educação Infantil até os anos iniciais do Ensino Fundamental. Segundo o autor, é necessário voltar a atenção para as questões didáticas e metodológicas que envolvem o ensino da língua escrita e resistir às justificativas fáceis e cômodas para o fracasso educacional:

É evidente que as condições sociais e econômicas adversas da população brasileira afetam o desempenho de nossas crianças. Mas como educadores, temos a atribuição e o dever de procurar fazer o melhor que temos, e de buscar soluções educacionais para o fracasso escolar, soluções baseadas em pesquisa de pedagogia experimental, de modo a descobrir como melhor ensinar nossas crianças, tenham elas os problemas e as dificuldades que tiverem. (CAPOVILLA; SEABRA, 2010, p. 71).

No âmbito da Faculdade de Educação, compreende-se que é um grande desafio preparar professores capazes de criar estratégias que venham contemplar as dificuldades de leitura e escrita escancaradas hoje nas escolas públicas de nosso país. É preciso considerar todo o avanço em estudos e pesquisas que conquistamos até hoje na área da alfabetização e letramentos, através das políticas públicas, e revisitar conhecimentos linguísticos próprios às metodologias que tratam das instruções fônicas. A opção de abordar e valorizar diferentes campos teóricos, respaldou meu trabalho com a bolsista envolvida neste projeto, pois além dos conteúdos da disciplina de alfabetização, próprios ao curso de Pedagogia, exploramos conhecimentos do campo da linguística.

Para os alunos do segundo ciclo, utilizamos atividades da cartilha de método fônico elaborada por Capovilla e Seabra (2010); jogos de análise fonológica propostos por Moraes (2005); atividades do campo dos estudos linguísticos propostos por Oliveira (2005), Alvarenga (1995) e Toneli (1998), além de sempre retornar à teoria da psicogênese da língua escrita proposta por Ferreiro e Teberosky (1986). Quando o projeto de reforço para a alfabetização foi elaborado, o princípio básico dessas atividades foi promover,

simultaneamente, a alfabetização e os letramentos.

Sem desconsiderar todas as variáveis socioeconômicas e políticas que envolvem o processo de alfabetização, compreendemos que as dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita também estão diretamente atreladas às “características intrínsecas da própria linguagem escrita” (ZORZI, 2003, p.39). Isto é, as crianças têm dificuldades não porque são economicamente desfavorecidas ou apresentam transtornos, mas porque o sistema de escrita apresenta enormes complexidades. Como afirma Soares (2016), a natureza da ortografia da língua é condicionante do processo de aquisição do sistema alfabético-ortográfico, isto é,

em algumas línguas, as relações entre a cadeia fonológica da fala e o sistema ortográfico são mais complexas e ambíguas; em outras, são mais simples e inequívocas. Consequentemente, a aprendizagem da língua escrita, no que se refere à faceta linguística [...] apresenta especificidades segundo o sistema ortográfico da língua que se esteja considerando, com implicações significativas para os métodos de alfabetização. (SOARES, 2016, p.88)

Cagliari (1991, p. 9), afirma que “sem o conhecimento competente da realidade linguística compreendida no processo de alfabetização, é impossível qualquer didática, metodologia ou solução de outra ordem” para auxiliar alunos com dificuldades em leitura e escrita. Para o autor, o aprofundamento dos estudos linguísticos não pode ser negligenciado nos cursos de formação de professores, principalmente, professores alfabetizadores. É necessário instrumentalizar os alunos dos Cursos de Pedagogia, pois, hoje e sempre, o professor é o alvo das críticas dos fracassos escolares.

Desse modo, foi necessário capacitar a bolsita do PEI e aproximá-la teoricamente do campo dos estudos linguísticos. Ela começou a compreender muitos “erros” cometidos pelos alunos. Essa exploração dos estudos linguísticos possibilitava-lhe a construção de planejamentos mais assertivos, com boas escolhas de técnicas e práticas metodológicas que favoreciam o processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Ao longo do projeto, fomos reconstruindo ideias acerca das dificuldades no processo de alfabetização. Percebemos que o não conhecimento de muitos

aspectos da linguística, que são essenciais e imprescindíveis no ensino, impossibilitava a elaboração de atividades para os alunos com dificuldades. Assim, um projeto de extensão que tinha como objetivo inicial auxiliar alunos do segundo ciclo com dificuldades em leitura e escrita, deparou-se com a necessidade de, inicialmente, capacitar a própria graduanda do curso de pedagogia, a futura alfabetizadora.

Referências Bibliográficas

ALVARENGA, D. Análise de Variações Ortográficas. Belo Horizonte: Dimensão. **Revista Presença Pedagógica**, n. 2, mar/abr, 1995.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1991.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MORAIS, A. G. et al (Orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

OLIVEIRA, M. A. **Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita: caderno do formador**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. (Coleção Alfabetização e Letramento).

SEABRA, A. G.; CAPOVILLA, F. C. **Alfabetização: método fônico**. 5.ed. São Paulo: Memnon, 2010.

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

TONELLI, N. **A construção do sistema ortográfico: uma análise das variações de escrita em pontos de instabilidade silábica**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ZORZI, J. L. **Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita: questões clínicas e educacionais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.